



VARIA

Uma introdução ao pensamento filosófico de Manofredo Oliveira

An introduction to the philosophical thought of Manofredo Oliveira

Una introducción al pensamiento filosófico de Manofredo Oliveira

Francisco Jozivan

Guedes de Lima¹

orcid.org/0000-0003-4483-8393

Jozivan2008guedes@gmail.com

Recebido em: 29 abr. 2025.

Aprovado em: 06 out. 2025.

Publicado em: 10 fev. 2026.

Resumo: Neste artigo, eu tenciono uma introdução ao pensamento filosófico do Manofredo Oliveira, filósofo brasileiro nascido em Limoeiro do Norte, Ceará, em 1941. Objetivo fazer isso a partir de dois tópicos: (i) o primeiro apresenta alguns componentes biográficos e contextuais mediante os quais foram construídas as bases iniciais de seu pensamento filosófico; (ii) o segundo apresenta um mapeamento de suas teses filosóficas centrais, expressas em seus livros. A minha hipótese é a de que a filosofia manfrediana tem dois caminhos fundamentais e dialeticamente articulados: em termos ontológicos e metafísicos, a busca incessante pelo Ser como horizonte de sentido da vida; em termos éticos, o compromisso com a práxis solidária e libertadora dos pobres e oprimidos. Na minha compreensão, esses caminhos são inseparáveis porque o Ser se presentifica na historicidade das relações, e o ser social, por sua vez, encontra o sentido de sua existência no Ser primordial.

Palavras-chave: Manofredo Oliveira; Filosofia; introdução; Ser; práxis.

Abstract: In this article I aim to present an introduction to the philosophical thought of Manofredo Oliveira, a Brazilian philosopher born in Limoeiro do Norte, Ceará, in 1941. I will try to do this based on two topics: the first presents some biographical and contextual components through which the initial foundations of his philosophical thought were built. The second presents a mapping of his central philosophical theses expressed in his books. My hypothesis is that Manfredian philosophy has two fundamental and dialectically inseparable paths: in ontological and metaphysical terms, the incessant search for Being as the horizon of meaning in life; and in ethical terms the commitment to the solidarity and liberating praxis of the poor and most oppressed. In my opinion, these paths are inseparable because the Being is present in the historicity of relationships, and the social being, in turn, finds the meaning of its existence in primordial Being.

Keywords: Manofredo Oliveira; Philosophy; Introduction; Being; Praxis.

Resumen: En este artículo planteo una introducción al pensamiento filosófico de Manofredo Oliveira, filósofo brasileño nacido en Limoeiro do Norte, Ceará, en 1941. Intento hacerlo con base en dos temas: el primero presenta algunos componentes biográficos y contextuales a través de los cuales se construyeron las bases iniciales de su pensamiento filosófico; El segundo presenta un mapeo de sus tesis filosóficas centrales expresadas en sus libros. Mi hipótesis es que la filosofía manfrediana tiene dos caminos fundamentales y dialécticamente inseparables: en términos ontológicos y metafísicos, la búsqueda incesante del Ser como horizonte de sentido de la vida; y en términos éticos el compromiso con la praxis solidaria y liberadora de los pobres y oprimidos. A mi entender, estos caminos son inseparables porque el Ser está presente en la historicidad de las relaciones, y el ser social, a su vez, encuentra en el Ser primordial el sentido de su existencia.

Palabras clave: Manofredo Oliveira; Filosofia; introducción; Ser; praxis.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal do Piauí (UFPI), PQ CNPq, Teresina, Piauí, Brasil.

Introdução

Eu não tenho dúvidas de que, ao lado do mineiro e padre jesuíta Henrique Cláudio de Lima Vaz, o cearense e padre diocesano Manfredo Araújo de Oliveira, nascido em Limoeiro do Norte no ano de 1941, é o grande filósofo brasileiro da segunda metade do século XX, considerando a sua vasta obra, o posicionamento crítico, a originalidade e o domínio conceitual acerca das teorias usadas em seus diversos escritos. Esses quesitos o colocam na posição para além de um mero intérprete de filósofos. Uma marca fundamental do pensamento filosófico do Manfredo Oliveira é que não é possível rotulá-lo como kantiano, husserliano, heideggeriano, habermasiano etc., no sentido de que ele traçou um caminho próprio em sua reflexão filosófica, sem se prender a um ou a outro autor.

Na minha interpretação, o pensamento filosófico manfrediano é estruturado a partir da tentativa de superação dos limites do subjetivismo da filosofia transcendental de Kant e da fenomenologia de Husserl. Desde a sua tese de Doutorado na Alemanha em 1971, há uma busca incessante pela intersubjetividade e pelo Ser, de modo que a reviravolta linguística, a ética do discurso e a metafísica do Ser são fundamentais para a sua filosofia. As questões da linguagem e da metafísica ocupam, por assim dizer, a primeira prateleira de suas problematizações filosóficas, fazendo disso a sua própria identificação intelectual.

Eu diria que hoje me identifico com a corrente "lógico-semântico-ontológica", que abrange assim as dimensões fundamentais dos discursos. Toda filosofia pressupõe uma linguagem na qual ela se articula. A filosofia se articula em linguagem – é o primeiro pressuposto – e a linguagem tem componentes que, portanto, são componentes de uma teoria filosófica. Esses componentes fundamentais são a lógica, a semântica, a ontologia e a pragmática. Só que eu defendo uma primazia da dimensão semântico-ontológica (Oliveira, 2024, p. 229).

Essa primazia semântico-ontológica confirma o escopo de sua filosofia: a busca pelo Ser. Desse modo, incorre em equívoco aquele que pensa que Manfredo é um filósofo da subjetividade transcendental; é importante o fato de que o

sujeito confere sentido ao mundo e aos objetos, porém a subjetividade não esgota o sentido do mundo objetivo. Numa entrevista concedida em maio de 2023, diz Manfredo Oliveira (2024, p. 228):

Quer saber de uma coisa? Para que saibam de onde venho, vou traduzir o capítulo final da minha tese; assim vão saber que desde lá eu já estava brigando com a Filosofia Transcendental". De tanto falar de Filosofia Transcendental, sempre deu a impressão de que eu mesmo fosse um filósofo transcendental! Eu diria hoje que eu sou um ontólogo ou um metafísico.

Apesar da tendência "semântico-ontológica" da última fase de sua vida filosófica, inclusive ele declara que seu livro *Metafísica do Ser primordial* é a sua maior obra, a filosofia de Manfredo Oliveira é construída por um longo processo que parte da filosofia transcendental e avança em direção às filosofias da intersubjetividade. Como ele próprio escreve:

Quanto à evolução do meu pensamento filosófico, diria que a minha primeira influência, desde o seminário de Olinda, foi a Filosofia de Kant, que eu entendi como um sistema que abalava toda a tradição do pensamento ocidental. Por isso, fui para Alemanha e a minha tese de doutorado é sobre a estrutura fundamental do pensamento transcendental. Eu abordei lá três grandes linhas: primeiro Kant, depois Husserl e então o neokantismo. Em seguida, a partir de Schelling, Hegel e Heidegger, fiz um questionamento na estrutura da maneira de pensar da Filosofia Transcendental. Então segui essa direção até quando do meu retorno à Alemanha para um estágio de pesquisa, quando descobri a filosofia analítica. Mesmo assim, eu continuei considerando que a Filosofia Contemporânea era profundamente marcada por diferentes versões de filosofia transcendental. Quanto a isso, tive a sorte de acompanhar Jürgen Habermas quando ele ensinava no Instituto Max Planck. Também participei, proferindo conferências, de muitos congressos com Karl. O. Apel, por vezes nas mesmas bancas temáticas. Então, eu tive a sorte de acompanhar e mesmo participar das tentativas de reestruturação da reviravolta linguística da Filosofia Transcendental por filósofos como Habermas e Apel, bem como estas correntes novas (como as "Filosofia da Diferença") (Oliveira, 2024, p. 226).

Em termos concretos, no epicentro de sua filosofia, estão os seres humanos e as suas relações com o outro, com a natureza e com Deus. Não são em vão as suas preocupações com a ética,

a ecologia e a metafísica. Isso é enfrentado por meio de uma filosofia pavimentada nas tradições inicialmente continental e posteriormente analítica, de modo que Manfredo retira de ambas os instrumentos e os conceitos fundamentais que alicerçam a sua filosofia sem se filiar inteiramente a uma ou a outra corrente.

A pergunta fundamental manfrediana subjacente à sua filosofia é sobre o horizonte de sentido da vida humana. A partir disso, põe em discussão ao longo de sua vasta obra a racionalidade moderna, as suas exigências e os seus limites, sempre considerando a filosofia imprescindível, mesmo quando está em discussão a questão teológica sobre Deus, à medida que a filosofia é posta como dimensão precípua da compreensão da fé (*intellectus fidei*) a fim de evitar quaisquer fanatismos.

Postas essas diretrizes introdutórias da filosofia manfrediana, este artigo apresentará dois componentes fundamentais de seu pensamento: o lugar biográfico a partir do qual foi gestado o filósofo Manfredo Oliveira, pois para conhecer o pensamento de um autor um dos bons caminhos é conhecer o contexto vital no qual ele foi construído; e a sua filosofia rastreada mediante a sua obra, de modo específico, a partir de seus livros.

O filósofo Manfredo Oliveira (1941-)

Eu gosto de dizer que sou um eterno estudante de Filosofia. Eu nunca deixei de considerar a pesquisa, de modo que, quando algumas pessoas ficam espantadas com os vários livros que publiquei, com o tempo necessário na elaboração deles, eu respondo que não há nada de surpreendente porque dediquei a vida inteira para isso. Assim, não me considero a figura que por vezes dizem que eu sou, como quanto à honraria de "Professor Emérito". Eu sou apenas alguém que leva a coisa a sério, que estuda, que pesquisa (Oliveira, 2024, p. 226).

Em 2010, tive o prazer de ter sido aluno do Manfredo Oliveira durante meus estudos de mestrado em Filosofia na Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza. Naquele tempo, ele tinha em torno de 70 anos de idade, porém ministrava as disciplinas com muita vitalidade, profundidade conceitual e entusiasmo, que são

características marcantes de suas palestras, conferências e aulas.

O meu primeiro contato com o Professor Manfredo foi em 2002, momentos antes de uma celebração anual da Igreja Católica em Fortaleza, numa sala em que estavam reunidos padres e seminaristas. Na ocasião, fiz perguntas sobre a filosofia de Apel e conversamos por alguns minutos. Eu já tinha lido alguns de seus escritos e ouvido bastante falar sobre ele no meu tempo de seminarista no Seminário da Prinha (2002-2005), atual Faculdade Católica de Fortaleza, e quando morei no seminário propedêutico na sua cidade natal, Limoeiro do Norte, em 2001.

Como seminarista de sua mesma Diocese, eu sempre ouvia seus colegas padres falar sobre sua grandeza intelectual, de modo que para nós, seminaristas que nos dedicávamos aos estudos filosóficos, o Manfredo era indubitavelmente a grande referência intelectual. Naquela dada época, eu escutava falar sobre ele e sobre o Cardeal Dom Falcão (1925-2021) como grandes intelectuais filhos da Diocese de Limoeiro do Norte.

Certa vez, fui fazer trabalho pastoral numa comunidade de Limoeiro, em 2001, e lá conheci uma senhora que disse ter sido professora do Manfredo. Na ocasião, contou sobre a sua destacada inteligência desde a sua tenra idade e da sua decisão vocacional pelo sacerdócio.

A formação filosófica inicial do Manfredo Oliveira se deu no Seminário Diocesano de sua cidade natal, Limoeiro do Norte (CE), nordeste do Brasil, sob a regência dos padres lazaristas holandeses. Segundo o próprio Manfredo (2024), o padre holandês João Miguel viu nele potencial para os estudos filosóficos.

Como é próprio da estrutura e da organização intelectual dos seminários de formação sacerdotal, os estudos das ciências são acompanhados de estudos dos idiomas, de modo que Manfredo teve de ler obras no original em grego, latim, francês, inglês, algo que o auxiliou nos estudos de outros idiomas como o alemão, o italiano e o espanhol.

Tratava-se, como se tenta seguir nos semi-

nários de formação sacerdotal de hoje, de uma formação densa com horários rigorosos e sistemáticos de estudos. Como sabemos, isso é de fundamental importância para o acesso a um mundo intelectual que poucos têm oportunidade, além de auxiliar na construção da disciplina de estudos. Esse foi o ambiente no qual o intelectual Manfredo Oliveira foi preparado.

Isso foi fundamental para mim porque, anos depois, quando cheguei para o doutoramento na Universidade de Munique, quem não tinha pelo menos seis anos de latim e três anos de grego não poderia fazer o doutorado. Lembro que uma vez estava num seminário de doutorado na Alemanha e meu professor perguntou a um jesuíta a tradução de um texto grego. O jesuíta disse: "Eu não sei grego". E meu professor exclamou: "Mas não existe isso! Como é que pode ter um jesuíta que não saiba grego? Saia daqui! Você não está no lugar certo". Como naquela época dispúnhamos de poucas traduções dos textos filosóficos clássicos em português, ler no original era indispensável. Então, posso dizer que, já no seminário, fui criando uma mentalidade filosófica a partir da orientação daquele padre holandês (Oliveira, 2024, p. 215).

A formação seminarística diocesana é composta por Seminário Menor, que consiste em uma preparação inicial (Propedêutico), e Seminário Maior, que compreende os estudos de filosofia e teologia. Em 1960, Manfredo iniciou os estudos de filosofia no Seminário da Prainha, porém, buscando uma formação filosófica mais robusta e qualificada, em 1961 pediu sua transferência para Recife, inclusive tendo Ariano Suassuna como professor de Filosofia da Estética.

Em 1963, foi enviado a Roma para iniciar os estudos em Teologia. No primeiro ano, com a interrupção das bolsas, o seu pai manteve seus estudos na Europa. Depois, Manfredo recebeu bolsa fruto de doação de uma senhora alemã à igreja para a formação de futuros padres.

O reitor me chamou e disse que aquela senhora estava disposta a me ajudar, mas com uma condição: que eu celebrasse a primeira missa lá no povoado de 300 habitantes no sul da Alemanha onde morava sua família. Eu disse: "Não aceito". Imagine se eu desistisse do sacerdócio? Eu ficaria o resto da vida com remorso porque teria utilizado os recursos daquela senhora e frustrado os seus propósitos.

Porém as coisas se encaminharam e deu tudo certo (Oliveira, 2024, p. 217).

Em Roma, Manfredo vivenciou o Concílio Vaticano II (1962-1965), pois era frequente o Concílio ser o assunto em aulas, conferências e conversas em momentos informais como nas refeições; fez sua dissertação de Teologia sobre Karl Rahner em 1966 e foi seu aluno em Munique. O contato com grandes filósofos e teólogos era comum durante a sua formação na Pontifícia Universidade Gregoriana. A escolha por Rahner não foi à toa, posto que, para este, a teologia pressupõe a compreensão da fé e essa atividade intelectual é genuinamente filosófica. Inclusive, como veremos no tópico seguinte, isso viria a ser de fundamental importância na filosofia de Manfredo para pensar a relação entre razão e fé.

Escolhi Karl Rahner como tema de estudos também porque já planejava fazer o doutorado em Filosofia. Aliás, quando estava no doutoramento, acompanhei por lá as aulas de Rahner. Ele era, naquela época, professor na Faculdade de Teologia da Universidade de Munique e lecionava na Cátedra Romano Guardini, vinculada à reitoria da universidade. Ele era, então, uma espécie de professor convidado para cursos nos quais deveria pautar as grandes questões teológicas discutidas na época. Assisti um seminário dele sobre o problema do ateísmo na sociedade atual e como se situa a religião numa sociedade cada vez mais secularista e laica, na qual não é a religião que dá o rumo nem do pensamento nem da administração pública. As aulas eram no maior auditório da Universidade. Cabiam uns 800 alunos e tinha gente que ainda ficava sentada no chão nessa aula. No final do semestre, ele contava com no máximo 80 alunos. Alguns diziam que era porque ele falava um alemão muito difícil. Ora, se fosse isso, eu, como estrangeiro, não estaria lá com condições de seguir as aulas. O problema não era o alemão. O problema era a Filosofia. Ele fazia uma Teologia radicada na concepção que ele tem de Filosofia (Oliveira, 2024, p. 218).

Depois de concluir os estudos em Teologia, os bispos quiseram que Manfredo retornasse ao Brasil para ser formador dos seminaristas na Regional I da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), porém ele colocou a condição de antes se preparar para a tarefa através de mais estudos, por meio de seu doutoramento em filosofia em Munique (1966-1971), algo endossado

numa carta aos bispos por meio do seu supervisor de estudos no Colégio Pio Brasileiro, Padre João Batista Libânio. A tentativa deu certo e Manfredo se doutorou em filosofia sob a orientação de Max Müller, ex-aluno e discípulo de Martin Heidegger.

Depois do doutorado em Munique, Manfredo retornou para Fortaleza, auxiliando na formação dos seminaristas em que fora reitor: lecionou no Seminário da Prainha e, em 1973, assumiu a vaga de professor de filosofia na Universidade Federal do Ceará (UFC) por meio de concurso público – em 2023, completou 50 anos de docente nessa instituição de ensino superior.

Manfredo pediu dispensa da função de reitor no Seminário e deixou de ser professor de filosofia na Faculdade Católica, o Seminário da Prainha. Quanto a isso, um dos pontos fundamentais defendidos por ele é o de que a filosofia é indispensável para uma sólida formação teológica no que diz respeito à formação presbiteral; isto é, uma densa e profunda formação sacerdotal requer um caminho seguro e pavimentado nos estudos filosóficos. Isso faz parte da construção de um pensamento teológico crítico.

Outro ponto importante a salientar quanto à biografia manfrediana é que, como eram tempos difíceis de Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), era comum ter agente da Ditadura observando as suas aulas:

Já nas aulas que eu ministrava na universidade havia sempre algum agente infiltrado que me acompanhava. Eu descobria logo quem era pela absoluta falta de compreensão de qualquer coisa. Mesmo assim, Dom Aloisio Lorscheider recebeu um longo relatório da Polícia me declarando subversivo (Oliveira, 2024, p. 222).

A filosofia, rechaçada pela Ditadura, era para Manfredo a única capaz de evocar a reflexão contra os abusos do regime. Era necessário resistir, e essa era uma tarefa ética do filósofo: "minha gente, nessa situação que nós estamos, a única cadeira que tem condições de ser crítica é a Filosofia, de fazer com que os alunos não se dobrem e não aceitem esse regime ditatorial etc." (Oliveira, 2024, p. 223).

Um outro ponto fundamental nessa trajetória

do Manfredo Oliveira é a sua preocupação em relação à necessidade de que a filosofia fosse vista para além dos grandes centros no Brasil, postura da qual eu também compartilho e em relação à qual sou enfático, sobretudo ao defender a vitalidade da filosofia no Nordeste brasileiro. "Ainda hoje, essa é uma herança meio complicada para nós, porque vários Programas de Pós-Graduação têm mais facilidade de obterem avaliações superiores na CAPES porque neles há mais professores que se formaram em São Paulo" (Oliveira, 2024, p. 223).

Um último ponto que destaco são as suas constantes ressalvas em relação a assumir cargos de poder, seja em coordenações de curso, em reitoria de seminário de formação sacerdotal, direções etc. Manfredo segue, nesse sentido, a advertência kantiana em *À paz perpétua*: "não é de se esperar que reis filosofem ou que filósofos se tornem reis, mas tampouco é de se desejar, porque a posse do poder corrompe inevitavelmente o livre julgamento da razão" (Kant, 2010, p. 56). Essa separação entre conhecimento, ciência ($\pi\mu$) e poder (ρ) como exigência da liberdade filosófica foi cumprida por Manfredo. Trata-se de toda uma vida dedicada à atividade intelectual e à produção filosófica.

O conjunto da obra – a filosofia

A obra do Manfredo Oliveira é vasta: compreende até o dado momento (abril de 2025) um total de vinte e quatro livros, oitenta e oito artigos, noventa e quatro capítulos de livros. Trata-se de uma produção bastante qualificada, que transita entre filosofia e teologia, mediante marcado rigor científico; soma-se a isso o conhecimento em idiomas, que lhe possibilitou ler os teóricos nos seus escritos originais, algo que é uma herança intelectual dos seus tempos de formação seminarística sacerdotal, em que se estudava grego, latim, alemão, italiano, francês, inglês, espanhol. Além disso, há de se realçar a sua imersão na Europa: durante o seu mestrado em teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1963-1966), e o seu doutorado em filosofia na Universidade de Ludwig Maximilian de Munique

(1966-1971), na Alemanha, como demonstrado no tópico anterior.

A dissertação de mestrado versou sobre o tema da "Concupiscência em Karl Rahner, e o doutorado foi sobre Subjetividade e mediação: estudos sobre o desenvolvimento do pensamento transcendental de Kant, Husserl e H. Wagner", tese que resultou no seu primeiro livro publicado na Alemanha, em 1973. Daqui nasceria toda uma trajetória intelectual deste filósofo brasileiro com vistas a refletir dialeticamente a relação entre subjetividade e intersubjetividade e as suas implicações para a filosofia e a teologia.

É possível pensar a obra filosófica de Manfredo Oliveira como uma busca de unidade entre o indivíduo, a sociedade, a natureza e o Ser como tal, ou seja, Deus. Para ele, nenhuma dessas dimensões pode ser descartada ou obliterada do discurso filosófico-teológico. Isso pressupõe que a filosofia e a teologia não estejam numa relação de oposição, mas de integração.

Depois de *Subjetividade e mediação* (1973), foi publicada em 1974 *Filosofia transcendental e religião*, em que se tenciona colocar em realce a antropologia teológica de Karl Rahner. Na esteira de *A crise das ciências europeias e a filosofia transcendental* de Edmundo Husserl, publicou em 1989 *A filosofia na crise da modernidade*, livro no qual a crise cultural é concebida como crise de sentido e crise da própria razão em que são postas em questão as suas consequências para as relações humanas. "Nesta situação epocal, tornar-se urgente uma reflexão sobre o sentido da reviravolta que a civilização ocidental viveu com as transformações da modernidade, para nos perguntar, nesta crise atual, sobre sua significação para a vida humana" (Oliveira, 1989, p. 7).

Esse livro é fundamental para entender o percurso dialético da tese de Manfredo Oliveira que permanece viva em seus escritos, a saber: que a crise de sentido acerca da vida humana não é respondida de modo isolado por um único paradigma ou modelo filosófico, mas pressupõe um movimento que passa pelo sujeito, pelas suas relações intersubjetivas, pela práxis solidária que culmina na exigência de um Deus libertador, em

especial, dos mais fracos e oprimidos – o que caracteriza uma marca fundamental na filosofia-teologia da libertação de Manfredo Oliveira.

Nesse sentido, a filosofia da religião tem esse papel fundamental de articulação entre essas pretensões filosóficas e teológicas, que seria concretizada no interior de um cristianismo libertador e emancipatório, fluidificado pela postura ecumênica e pelo diálogo inter-religioso.

Se Deus mesmo é comunhão, tudo no mundo e na história é chamado a entrar em comunhão com Deus. Deus, enquanto comunhão de pessoas, é a norma suprema do novo estilo de vida dos homens, que é capaz de transformar todas as dimensões da vida histórica do homem, agora compreendido como luta pela efetivação do reino de Deus, que é reino do direito, da justiça, da verdade e do amor. [...] A filosofia da religião é, a partir da filosofia, a ponte que conduz à teologia, à medida que levanta a questão do Absoluto no horizonte da práxis histórica humana, onde o que, em última análise, está em jogo é o sentido mesmo da vida humana, o processo de efetivação do homem como ser racional e livre, numa palavra, o processo de emancipação (Oliveira, 1989, p. 124).

Em 1993, foram publicados mais três outros livros fundamentais: (i) *Ética e racionalidade moderna*, (ii) *Ética e sociabilidade*, (iii) *Sobre fundamentação*. No primeiro, Manfredo continua a discussão em torno da crise da modernidade, situando o debate moderno entre a subjetividade kantiana e a intersubjetividade hegeliana, sustentando a tese da necessidade de superação do solipsismo moderno em direção a uma ética do discurso a partir Karl-Otto Apel e Jürgen Habermas. Tem o foco na contribuição das filosofias europeias, porém não deixa de lado o contexto latino-americano, inclusive dedicando um capítulo à crise ética no Brasil.

Preocupa-se com a degradação do meio ambiente, a invasão de terras indígenas, a corrupção da política clientelista, o autoritarismo e a pobreza que assolam o Brasil na década de noventa. "A convivência da miséria e da pobreza apontam para o escândalo moral que emerge como fruto de um novo *ethos* social, aquele que faz cultivo da própria individualidade o valor supremo" (Oliveira, 1993a, p. 42). Um parêntesis necessário: é impor-

tante destacar que essa criticidade é plasmada não apenas a partir da reflexão filosófica interna aos livros e ao debate acadêmico universitário, mas também é fruto da ação pastoral do Padre Manfredo na cidade de Fortaleza, em especial, em áreas mais pobres da capital.

Retomando a questão, no conjunto da obra de Manfredo Oliveira, a subjetividade kantiana é apenas o ponto de partida, porém ela é despotencializada a ponto de não resultar num subjetivismo que venha a colapsar as relações intersubjetivas e a ressignificação da autonomia como um processo coformativo em que os sujeitos estão inseridos num mundo plasmado por relações recíprocas de reconhecimento mútuo. Não é à toa o peso da ética do discurso na sua obra. Como ele próprio enfatiza:

Só num processo intersubjetivo de compreensão é possível atingir um consenso de natureza reflexiva, em que os participantes possam saber que eles, comunitariamente, se convenceram a respeito de algo. Daí a nova formulação do imperativo categórico: a ênfase vai deslocar-se do que cada um pode querer, sem contradição com a lei universal, para o que todos devem reconhecer de acordo com a norma universal. A argumentação é tarefa comunitária e não-solipsista (Oliveira, 1993a, p. 23).

O outro livro de 1993, como dito, foi *Ética e sociabilidade*, escrito que já se encontra na quarta edição. Trata-se de uma obra fundamental, em que são colocadas em destaque as principais teses de filósofos antigos e modernos sobre a dimensão ética, a racionalidade e as suas implicações para a política, aprofundando essas questões em Platão, Aristóteles, Hobbes, Locke, Kant, Hegel e Marx.

O ponto de partida é o de que, em termos de Ocidente, o ético é pensado como um momento fundamental da "civilização da razão". O humano é antes de tudo um ser histórico, detentor de uma racionalidade em permanente construção e, por isso, é o ser capaz de dar significado e justificar as suas ações. "O homem, portanto, não é, pura e simplesmente, mas se faz no mundo através da ação" (Oliveira, 1993b, p. 13).

Na perspectiva manfrediana, em Platão a di-

mensão ética é refletida como a condição da politicidade e de uma vida boa segundo a virtude da justiça; Aristóteles, por sua vez, redimensiona a justiça em termos de práticas virtuosas. O indivíduo não nasce virtuoso, mas se torna à medida que pratica atos virtuosos. "O indivíduo torna-se justo, corajoso, prudente à proporção que, agindo, ele se 'habitua' (adquire o hábito) ao que, na cidade, é eticamente justo, corajoso, prudente" (Oliveira, 1993b, p. 57).

Quanto a Hobbes, Manfredo o apresenta como um dos expoentes da filosofia política moderna em que a dimensão ética não é pensada mais em termos de virtudes, mas como dimensão instrumental e prática da vida. Locke, por sua vez, é colocado na condição de defensor da liberdade pensada como um direito fundamental. O problema é que o direito de propriedade acaba restringindo os direitos fundamentais aos cidadãos proprietários. "Embora Locke entenda propriedade no sentido amplo de vida, liberdade e bens, em alguns lugares a expressão significa simplesmente o poder de dispor sobre coisas. O bem comum é, para Locke, acima de tudo um estado de proprietários" (Oliveira, 1993b, p. 127).

No que diz respeito a Kant, coloca-se no centro da atividade ética a capacidade de autodeterminar a ação, isto é, a autonomia. Esse conceito é o centro da filosofia prática. Todavia, essa autonomia ainda procedimental é devedora de uma operacionalização do imperativo categórico. Esse formalismo é sanado pela eticidade de Hegel e pela historicidade em que o indivíduo é imerso nas determinações sociais das instituições e da vida intersubjetiva. Assim, Hegel reata o elo perdido entre o ético e o político tão precioso para os gregos.

Manfredo finaliza o livro abordando a especificidade da ética de Marx e o seu desafio perante a sociabilidade capitalista. Trata-se agora de um ser mediado por relações de trabalho em que está em jogo a possibilidade de sua alienação e, conseqüentemente, do seu esvaziamento ético como dimensão emancipadora.

Quanto ao livro *Sobre a fundamentação*, de modo mais sistemático adentra-se ao tema da

reviravolta linguístico-pragmática, analisando as suas implicações para a filosofia transcendental e para a fenomenologia. A fundamentação não é mais pensada a partir do sujeito solipsista, mas através de uma comunidade linguística de comunicação. Kant e Husserl ganham a companhia de Wittgenstein, Apel e Habermas. A subjetividade transcendental como possibilidade *a priori* de construção do mundo dá lugar à construção intersubjetiva do sentido do mundo.

A linguagem não é mais simplesmente *flatus vocis* (emissão de voz) como proferira o nominalismo medieval de Roscelino de Compiègne, mas é "jogo de linguagem" imerso nas diversas formas de vida (*Lebensformen*): "a linguagem passa a ser considerada, acima de tudo, como práxis comunicativa mediadora da intersubjetividade" (Oliveira, 1993c, p. 55). Apel e Habermas tentam ressignificar o transcendental mediante essa reviravolta linguística: um, pelo caminho da fundamentação última; o outro, através da reconstrução normativa das condições possíveis do entendimento mútuo. Apel e Habermas serão autores caros a Manfredo Oliveira, inclusive com encontros e debates na Alemanha e no Brasil por conta do diálogo Norte-Sul acerca da recepção crítica da ética do discurso na América Latina.

Em 1995, foi publicado *Ética e práxis histórica*, livro no qual há uma tentativa de refletir filosoficamente os contextos do pluralismo e do secularismo a partir de uma postura dialética que respeita os contextos particulares sem renunciar à universalidade ética dos direitos humanos. Há na práxis humana aquilo que Manfredo chama de "uma dupla raiz": a particularidade e a universalidade. A pluralidade faz parte da vitalidade democrática, porém não pode ser reduzida ao relativismo ético radical. "Nesta perspectiva, o pluralismo é portador de um valor ético, pois ele significa a única forma de o universal ético efetivar-se, abrindo assim para o homem o espaço de sua realização livre" (Oliveira, 1995a, p. 170).

Ética e economia (1995b) antecipa um conjunto de reflexões presentes em *Desafios éticos da globalização* (2008). É um livro no qual Manfredo Oliveira tem como preocupação fundamental os

impactos do mercado consumista e da lógica individualista do capitalismo nas ações humanas e como isso implica o esvaziamento ético e da solidariedade entre os humanos. De acordo com o seu parecer crítico, para o neoliberalismo a centralidade de tudo está no lucro e no mercado e, por isso, os neoliberais não se dão conta de que o crescimento disso, em vez de resolver os problemas da vida humana, pelo contrário, acaba por aprofundá-los. A redução do humano a um ser de necessidades e de consumo oblitera a dimensão ética e emancipatória.

Outro fator criticado pelo autor é o esvaziamento reflexivo acerca do progresso tecnológico que é feito em detrimento de suas consequências. "O progresso tecnológico aprofundou o fosso entre ricos e pobres. Ao lado de imensas possibilidades tecnológicas criadas, a fome se alastra pelo mundo reduzindo milhões de pessoas a situações estúpidas de miséria e de ameaça permanente à sobrevivência" (Oliveira, 1995b, p. 24). Cabe ao ser humano, como um ser ontologicamente livre e detentor de uma dignidade incondicional, posicionar-se radicalmente contra essas restrições.

Em 1996, Manfredo publicou *Tópicos sobre dialética*, livro no qual há uma explicitação da relação entre historicidade e natureza, tomando como ponto de partida o ser humano na condição de um ser consciente e inserido na história. Nele são articulados nove capítulos fundamentais, que partem de uma consideração sobre conhecimento e historicidade, passando pelo tema da ontologia e da consideração hegeliana sobre o cristianismo, culminando no tratamento dialético acerca da relação entre ecologia, ética e libertação.

Dialética, aqui, na compreensão do autor, tem um sentido relativo à historicidade humana, aos seus movimentos, às tensões e sínteses no decorrer da vida prática. Trata-se em termos hegelianos de observar os desdobramentos da razão na história. Para Oliveira (1996a, p. 240), a dialética pressupõe um processo de educação cultural voltado para a libertação, de modo que a razão é pensada como condição de possibilidade de emancipação.

Em 1996, também foi publicado *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. A sua primeira parte versa sobre a semântica tradicional mediante tópicos que abordam a discussão entre naturalismo e convencionalismo linguístico em Platão, linguagem e realidade em Aristóteles, linguagem e intencionalidade na fenomenologia de Husserl, a semântica realista de Franz von Kutschera, as semânticas de Frege e Carnap, finalizando com a teoria da figuração do primeiro Wittgenstein.

A segunda parte do livro versa sobre a reviravolta pragmática; retoma a contribuição de Wittgenstein para a filosofia da linguagem a partir da sua segunda fase, a dos jogos de linguagem, a linguagem como ação. Em seguida, adentra aos atos de fala de Austin e Searle, finalizando como o que Manoel chama de "pragmática existencial" em Heidegger em direção a uma hermenêutica da facticidade.

A terceira parte do livro propõe uma reviravolta hermenêutica da ontologia a partir da hermenêutica de Gadamer, da pragmática transcendental de Apel e da pragmática universal de Habermas. O livro termina apresentando críticas à pragmática transcendental a partir do idealismo objetivo de Vittorio Hösle e de uma hermenêutica latino-americana.

No ano 2000, foi publicado *Diálogos entre razão e fé*, livro em que Manoel articula mais uma vez a relação entre filosofia e teologia. Inicialmente situa de modo filosófico o contexto a partir do qual se fala, descrito como um contexto plural e fragmentado, portanto, imerso em um relativismo ético e de cosmovisões. Esse é o contexto a partir do qual se deve falar, pois não há uma religião ou visão de mundo absoluta que universalmente dite as regras e tendências acerca da vida humana.

Em seguida, analisa a Encíclica do Papa João Paulo II, *Fides et Ratio*, em que a fé e a razão são postas como as duas asas mediante as quais o espírito humano eleva-se para a contemplação da verdade. A teologia não pode prescindir da filosofia, assim como a fé não pode prescindir da razão, de modo que graça e natureza se complementam. Essa indissociabilidade plasmou as

reflexões e publicações do Manoel, inclusive quando auxiliou na formação dos seminaristas diocesanos em Fortaleza.

Tomando por pressuposto essa indissociabilidade entre razão e fé, Manoel apoia-se no seu orientador de doutorado em Filosofia, Max Müller, para ressignificar a metafísica como "metafísica da liberdade", com vistas a pensar o humano numa relação dialética entre transcendência e imanência. Numa parte final do livro, articula a relação entre o Evangelho e as culturas a partir da práxis de Jesus sob a ótica da teologia da libertação. Encerra o livro com considerações sobre a teoria da ação comunicativa de Habermas e a teologia, colocando a dimensão ética como a exigência de uma intersubjetividade simétrica que supere a relação de subserviência entre senhor e escravo (Oliveira, 2000a, p. 220). Se Deus é Trindade, Ele é intersubjetividade; e, sendo intersubjetividade, ele é comunidade de povos que lutam por libertação. Essa é chave de conclusão do livro.

No mesmo ano 2000, foi publicada *Correntes fundamentais da ética contemporânea*, uma coletânea na qual são apresentados onze capítulos de professores colaboradores sobre os variados prismas éticos que perpassaram a história da filosofia moral, dentre eles: as éticas de Aristóteles, MacIntyre, Heidegger, Lévinas, Mill, Rawls, Habermas, Hans Jonas, finalizando com um capítulo no qual Manoel aborda a ética intencionalista-teleológica em Vittorio Hösle, em que são ponderados os limites do deontologismo e do utilitarismo.

Em 2001, publicou o livro *Desafios éticos da globalização*. Este livro ratifica a preocupação fundamental tanto teórica quanto prática de Manoel Oliveira: as consequências do neoliberalismo para os mais pobres e a exigência de uma filosofia voltada para a libertação dos oprimidos. O ponto de partida é uma concepção dialética de liberdade perpassada pela transcendência, pelo engajamento e pela institucionalidade.

Um dos capítulos põe em destaque a crítica do capitalismo a partir daqueles que são vitimizados pelas exclusões. O alvo é o "terceiro mundo":

países da África, da Ásia e da América Latina e do Caribe. No caso do Brasil, Oliveira (2001, p. 55), manifesta a preocupação quanto aos impactos da globalização e da industrialização em relação aos marginalizados, isto é, aqueles que, naquele dado contexto, viviam em situação de miséria, fome e abandono social: "O 1% mais rico tem cinquenta vezes a renda da metade mais pobre. A miséria e a pobreza afetam particularmente as crianças até 14 anos de idade".

Para enfrentar o problema, Oliveira (2001, p. 112) propõe uma "construção da intersubjetividade real como exigência ética suprema", que pressupõe o reconhecimento de todos os seres humanos como detentores de dignidade inalienável, de modo que "a instrumentalização e a opressão sejam substituídas pela gênese de uma intersubjetividade enquanto liberdade solidária".

No ano 2002, foi publicado *Para além da fragmentação*, livro no qual são tematizados os pressupostos e as objeções da racionalidade dialética contemporânea. Numa primeira parte, são apresentadas algumas concepções fundamentais do pensamento dialético a partir de Popper, Puntel, Gadamer e Habermas; numa segunda parte, é apresentada uma rearticulação da dialética moderna como filosofia transcendental do absoluto segundo Höhle. Superar a fragmentação significa, nesse sentido, ir ao encontro do absoluto que Manfredo vislumbrou encontrar nas filosofias de Hegel e Höhle, mas parece ter encontrado na filosofia de Puntel, como mostrará o seu livro *A metafísica do Ser primordial* (2019).

No mesmo ano (2002), foi publicada a coletânea *O Deus dos filósofos modernos*, em que são discutidos temas diversos de filosofia da religião em Leibniz, Kant, Hegel, Schelling, Kierkegaard, dentre outros. Nesse livro, não há capítulo autoral do Manfredo; ele participou apenas como organizador.

Em 2003, foi publicada a coletânea *O Deus dos filósofos contemporâneos*. O livro é composto por quatro partes, contendo colaborações de autores expressivos e renomados que marcaram a filosofia no Brasil. A primeira parte faz uma articulação entre filosofia contemporânea e pensamento

clássico, inclusive, num dos capítulos, há um texto de Manfredo sobre a superação da filosofia da subjetividade a partir de Tomás de Aquino, Hegel e Heidegger. Além disso, há textos de Cirne-Lima, Lima Vaz e Urbano Zilles.

A segunda parte aborda a questão de Deus na filosofia analítica, contendo um capítulo de Nelson Gomes; a terceira trata da questão de Deus a partir da fenomenologia, com textos de Ernildo Stein e Pergentino Pivatto; a quarta parte aborda a questão de Deus na cosmologia contemporânea, finalizando com um texto de Leonardo Boff sobre a questão ecológica acerca da relação entre cosmologia e teologia.

No mesmo ano, foi publicada *Filosofia política contemporânea*, uma coletânea contendo dezesseis capítulos, de diversos autores e autoras. A primeira parte aborda a teoria moderna do Estado e seus críticos, passando por Karl Marx, Max Weber, Carl Schmitt, Sigmund Freud. A segunda parte trata da teoria política no horizonte da finitude e da historicidade. A terceira parte apresenta as propostas de fundamentação normativa da política, finalizando com um capítulo de Manfredo sobre filosofia política como teoria normativo-material das instituições segundo Vittorio Höhle.

Em 2004, foi publicado *Dialética hoje*, um livro autoral em que Manfredo articula a relação entre lógica, metafísica e historicidade. O autor defende a dialética pensada como lógica da finitude e do absoluto. O ser humano, detentor de um *logos*, é finito, porém não se limita a ele, posto que é dialeticamente imanência e transcendência. Assim como a dialética hegeliana, a dialética manfrediana pressupõe um movimento em que o espírito humano passa pelas dimensões da subjetividade, da objetividade e do absoluto.

Em 2007, foi publicada *Metafísica Contemporânea*, uma coletânea composta por dezesseis capítulos de diversos autores, dividida em quatro partes: a primeira apresenta as críticas às pretensões da metafísica; a segunda trata da metafísica como totalidade do Ser, com um destaque para um texto do Manfredo sobre a relação entre filosofia, lógica e metafísica, e um texto de Lorenz Puntel (1935-2024) sobre uma

nova metafísica a partir da questão da totalidade do Ser e do absoluto; a terceira parte aborda os diversos modos ou categorias do Ser; a última versa sobre teorias dos mundos possíveis.

Em 2010, foi publicado *Ética, direito e democracia*. Na primeira parte, o livro versa sobre os desafios éticos contemporâneos, inclusive realçando a tensão entre relativismo e absolutismo. Há também um tópico sobre a relação entre ética e técnica. Essa é uma questão que sempre está presente nos escritos éticos de Manfredo.

Na segunda parte do livro, Manfredo aborda a questão da relação entre direito e democracia. O tema central que perpassa a sua abordagem é a defesa dos direitos humanos como pedra normativa fundamental para o enfrentamento das injustiças contemporâneas e a base da democracia. Um outro ponto central, já postos em outros livros, é a relevância de uma educação para a autonomia e para a solidariedade. A urgência de um *éthos* latino-americano exige o enfrentamento das exclusões do capitalismo a partir de uma "socioeconomia solidária".

Em 2012, foi publicado *Antropologia filosófica contemporânea*. Este livro é de fundamental importância para compreender a filosofia manfrediana acerca da relação entre subjetividade, transcendência e historicidade. Ele reforça a sua compreensão dialética acerca dessa relação. Manfredo inicia colocando os marcos fundamentais de uma teoria da subjetividade em Husserl e os seus críticos, culminando em "inversão teórica" e despotencialização do subjetivismo a partir da reconstituição da metafísica como filosofia do ser e do modo segundo o qual isso afetou a própria antropologia.

Além dessa filosofia do Ser, há outro elemento que implicou essa despotencialização do subjetivismo, a saber, a crítica pós-moderna. Outro elemento fundamental nessa reconfiguração da subjetividade veio com a reformulação intersubjetiva da ética do discurso, mormente por meio de Habermas na esteira da crítica de Hegel às filosofias da subjetividade de matriz kantiana.

O percurso continua a partir de uma leitura ontológica do indivíduo a partir da filosofia sis-

temático-estrutural de Lorenz Puntel. Manfredo ainda coloca em discussão os impactos da racionalidade instrumental na constituição da subjetividade e como isso afeta a dimensão da alteridade e do reconhecimento mútuo. Finaliza o livro defendendo a subjetividade como um processo inacabado de emancipação.

Em 2013, foi publicado *A religião na sociedade urbana e pluralista*. Algumas questões fundamentais postas em 1984 sobre *Filosofia transcendental e religião* e em *Diálogos entre razão e fé*, em 2000, voltam a serem reconsideradas neste livro, porém com os olhos atentos aos fenômenos culturais do século XXI ou ao modo como eles se tornaram mais agudos e desafiantes. A primeira parte do livro aborda a religião diante do fato do pluralismo razoável e dos desafios urbanos, imersa num novo contexto societário tenso entre relativismo e absolutismo ético.

A segunda parte tece uma consideração filosófica e teológica acerca da religião cristã perante os desafios contemporâneos a fim de equilibrar razão e fé, e, em termos práticos, como ela pode se colocar diante do avanço científico e da civilização tecnológico-produtiva. Ou seja, a questão central é a pergunta sobre qual o papel e o sentido da religião no mundo contemporâneo.

Para Manfredo, o sentido da religião está em seu caráter unificador e dialético da relação entre o humano e o divino e dos humanos entre si, e na sua atitude praxeológica de libertação dos mais sofridos. Essa marca emancipatória continua a perpassar o conjunto de sua obra.

Em 2014, foi publicado *A Ontologia em debate no pensamento contemporâneo*, livro fundamental sobre a necessidade de refletir a importância da metafísica nos estudos filosóficos atuais. Apesar de alguns suporem que a filosofia está num momento secularizado e "pós-metafísico", os valores, as cosmovisões e o sentido da existência e do mundo indicam o contrário, isto é, que a metafísica é relevante para pensar a realidade. Tomando por base Puntel, Manfredo conduz a sua filosofia em direção à metafísica do Ser primordial. Volta à tona de modo veemente, mais uma vez, a ideia de absoluto, Deus.

Em 2019, foi publicado *A metafísica do Ser primordial*, em certo sentido uma continuidade do livro anterior, o que ratifica a preocupação ontológica na última fase do pensamento filosófico do Manfredo Oliveira. Como ele mesmo afirma:

Os mais relevantes em meu projeto filosófico são dois livros que publiquei mais recentemente, *A Ontologia em Debate no Pensamento Contemporâneo* e *A Metafísica do Ser Primordial*. Como nos sugere Puntel, uma ontologia hoje se elabora em dois momentos, o da Teoria dos Entes e o da Teoria do Ser. Escrevi então sobre a Teoria dos Entes para pôr a ontologia contemporânea em debate. [...] Depois de tratar dessa dimensão que tem como tarefa pensar os tipos de entes, as suas características fundamentais, dediquei o outro livro à segunda dimensão, aquela que seria a do ser. Para não a confundir com as teorias dos entes, acrescentou-se a noção de ser "primordial" (Oliveira, 2024, p. 229).

A metafísica do Ser primordial parte da relação feita por Lorenz Puntel entre *Ser e Estrutura*, absoluto e subjetividade, e o desafio de repensar a metafísica em tempos hodiernos. Num primeiro momento, tematiza as três dimensões da filosofia analítica: a semântica, a sintaxe, a pragmática. Num segundo capítulo, apresenta as considerações sobre a fenomenologia e a hermenêutica destacando Heidegger e Gadamer. Nos capítulos seguintes, aborda as contribuições de Habermas e Puntel para pensar o tema do ser. O livro é finalizado com um capítulo sobre o pensamento filosófico de Puntel a respeito da questão.

Conclusão

O livro *A metafísica do Ser primordial* revela aquilo que é o ponto de culminância da filosofia de Manfredo desde a sua tese de doutorado em Filosofia em 1971: o movimento que parte da subjetividade em busca de mediação intersubjetiva e sua ancoragem no Ser. Todavia, esse movimento é feito dialeticamente, sem demolir ou abandonar a subjetividade pelo caminho. Subjetividade, linguagem, metafísica, ética, política são categorias fundamentais da vasta obra manfrediana.

Um outro ponto que se pode depreender acerca de sua filosofia é o de que o ser humano está imerso e circundado pela sua própria contingên-

cia, pela contingência de outrem, mas é também um ser espiritual aberto à transcendência. Aqui se revela o posicionamento da filosofia cristã de Manfredo do humano voltado para o absoluto, mas também historicizado nas relações intersubjetivas. Assim, é necessário cuidar bem de si, dos outros, da natureza e da sua relação com Deus. Ser filósofo requer cuidar não apenas da dimensão reflexiva, mas da ação em virtude de uma práxis em que o lugar do outro é posto como centro da relação entre ética e sociabilidade.

O estar-com-os-outros implica a responsabilização ética de construir relações solidárias voltadas para a libertação dos mais pobres e dos excluídos. Esse é o traço fundamental da filosofia da libertação presente na obra de Manfredo, sobretudo quando se tem em vista a sua permanente preocupação com o sofrimento do povo brasileiro e latino-americano.

Para concluir, eu diria que a filosofia manfrediana tem dois caminhos fundamentais e inseparáveis: em termos ontológicos e metafísicos, a busca incessante pelo Ser como horizonte de sentido da vida; em termos éticos, o compromisso com a práxis solidária e libertadora dos mais fracos e oprimidos. Na minha compreensão, esses caminhos são inseparáveis porque o Ser se presentifica na historicidade das relações, e o ser social, por sua vez, encontra o sentido de sua existência no Ser primordial, Deus.

Referências

- KANT, Immanuel. *À paz perpétua*. Trad. Marco Zingano. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *A filosofia na crise da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1989.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e racionalidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1993a.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e sociabilidade*. São Paulo: Loyola, 1993b.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Sobre a fundamentação*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 1993c.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e práxis histórica*. São Paulo: Ática, 1995a.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e economia*. São Paulo: Ática, 1995b.

OLIVEIRA, Manofredo Araújo de. *Tópicos sobre dialética*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 1996a.

OLIVEIRA, Manofredo Araújo de. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996b.

OLIVEIRA, Manofredo Araújo de. *Diálogos entre razão e fé*. São Paulo: Paulinas, 2000a.

OLIVEIRA, Manofredo Araújo de. *Correntes fundamentais da ética contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2000b.

OLIVEIRA, Manofredo Araújo de. *Desafios éticos da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2001.

OLIVEIRA, Manofredo Araújo de. *Para além da fragmentação: pressupostos e objeções da racionalidade dialética contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2002a.

OLIVEIRA, Manofredo Araújo de. *O Deus dos filósofos modernos*. Petrópolis: Vozes, 2002b.

OLIVEIRA, Manofredo Araújo de. *O Deus dos filósofos contemporâneos*. Petrópolis: Vozes, 2003a.

OLIVEIRA, Manofredo Araújo de. *Filosofia política contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2003b.

OLIVEIRA, Manofredo Araújo de. *Dialética hoje: lógica, metafísica e historicidade*. São Paulo: Loyola, 2004.

OLIVEIRA, Manofredo Araújo de. *Metafísica Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Manofredo Araújo de. *Ética, Direito e Democracia*. São Paulo: Paulus, 2010.

OLIVEIRA, Manofredo Araújo de. *Antropologia filosófica contemporânea: subjetividade e inversão teórica*. São Paulo: Paulus, 2012.

OLIVEIRA, Manofredo Araújo de. *A religião na sociedade urbana e pluralista*. São Paulo: Paulus, 2012.

OLIVEIRA, Manofredo Araújo de. *A Ontologia em debate no pensamento contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2014.

OLIVEIRA, Manofredo Araújo de. *A Metafísica do Ser Primordial: L. B. Puntel e o desafio de repensar a metafísica hoje*. São Paulo: Loyola, 2019.

OLIVEIRA, Manofredo Araújo de. Entrevista a E. Sampaio e I. Azevedo. Manofredo Oliveira e a filosofia. *Revista Dialectus*, Fortaleza, ano 13, n. 33, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/94593>. Acesso em: 18 nov. 2025.

Francisco Jozivan Guedes de Lima

Pesquisador Produtividade CNPq, Pós-Doutorado pela Universidad de la República Uruguay (UDELAR). Pós-Doutorado em Filosofia e em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutor em Filosofia pela PUCRS. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do Departamento de Filosofia e dos Programas de Pós-graduação em Filosofia e em Ciência Política da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Endereço para correspondência

FRANCISCO JOZIVAN GUEDES DE LIMA

Rua Professora Ana Bugyja, 3833, Bairro: Morros, 64062-230

Teresina, Piauí

Como citar este artigo

Guedes de Lima, F. J. Uma introdução ao pensamento filosófico de Manofredo Oliveira. *Veritas* (Porto Alegre), e47920. <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2026.1.47920>

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.